



## “O Renascimento do Purgatório”: espaço tecnológico da morte contemporânea<sup>1</sup>

Renata Rezende<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense (UFF)

### Resumo

Este artigo dá continuidade a nossa pesquisa sobre a ressignificação da morte nas sociedades ocidentais contemporâneas diante da imbricação entre corpo, comunicação e tecnologias digitais de informação<sup>3</sup>. Nessa análise, investimos na perspectiva de que as comunidades virtuais de mortos do Orkut estabelecem relações espaciais que se aproximam à representação medieval cristã de Purgatório, a partir da concepção instaurada por Dante Alighiere, na *Comédia*, e nos estudos do historiador francês Jacques Le Goff.

**Palavras-chave** – Espaço; tecnologias digitais; corpo; morte; purgatório;

### Corpo do trabalho

“Para o cristão convicto, a morte não é o fim, mas o início. O início de uma jornada cujo destino é a cidade sagrada de Nova Jerusalém, o Paraíso supremo, onde os eleitos sempre residirão à luz do senhor”, afirma Margaret Wertheim em sua *História do Espaço: de Dante à Internet* (WERTHEIM, 2001, p.13).

No livro, a autora propõe um percurso sobre a constituição da espacialidade, considerando que fatores presentes na cultura ocidental resultaram em uma crença de que o ciberespaço, hoje, tornou-se o foco de sonhos essencialmente religiosos. Wertheim (2001, p.13) tenta compreender porque esse novo espaço digital é visto como uma tentativa de se construir um substituto tecnológico para o lugar cristão do Paraíso, onde, “junto com a libertação da dor, virá também a libertação máxima, pois morte não haverá mais”.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP TI - Tecnologias da Informação e da Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Renata Rezende é professora universitária e doutoranda do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem mestrado na linha de Novas Tecnologias da Informação, pela mesma universidade.

<sup>3</sup> No VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP TI - Tecnologias da Informação e da Comunicação, realizado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em setembro de 2007, apresentamos o artigo *Fragments de um corpo: as novas tecnologias da comunicação e a construção da morte contemporânea*, primeira parte de nossa pesquisa sobre o tema. Ver em Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom/Unisant/Unisantos/Unimonte, 29 de agosto a 02 de setembro de 2007/ organizado por Sueli Mara S. P. Ferreira. [recurso eletrônico]- São Paulo: Intercom, 2007.



Transcender a carne e gozar da “vida eterna” é uma das temáticas que está no cerne da discussão sobre as possibilidades do espaço digital, mas que remonta à questões antigas, do início da era cristã, entre elas, o binômio corpo e alma.

Segundo o historiador Jacques Le Goff (2006), o cristianismo é uma religião da salvação e, por isso, a preocupação com o pós-morte, que sempre ocupou um lugar essencial no ocidente medieval, está ainda presente no imaginário contemporâneo. “O cristianismo professa a ressurreição dos corpos, cujo modelo e garantia é a ressurreição de Jesus após sua morte terrestre na cruz” (LE GOFF, 2006, p.21).

Tal cuidado, segundo o historiador, não concerne apenas ao “estado” dos indivíduos, mas à localização de suas vidas futuras. É nesse sentido que o homem medieval se preocupa com o espaço destinado à alma após a morte do corpo: o espaço do Além.

Na Idade Média, o Além está no centro das tramas sociais e da devoção. As práticas que ligavam os vivos e os mortos, bem como as instituições da memória frequentemente utilizavam esse lugar como instrumento para as estratégias e acordos terrenos. O Além dominou por muito tempo o imaginário medieval, inspirando importantes obras da literatura e da iconografia da época, constituindo um imenso reservatório de imagens, encarnando a ideologia e a sensibilidade cristãs e desempenhando um papel concreto no combate escatológico do medieval de “subir ao Céu”.

Até o século XII, esse espaço estava representado por um sistema binário que distinguia e opunha a situação dos homens: os bons viveriam as delícias do Paraíso e os maus estariam condenados aos suplícios do Inferno. A partir de então, a geografia desse Além se transforma, significativamente, com a invenção de um outro lugar, um terceiro, intermediário: o Purgatório.

Na contemporaneidade, o ciberespaço é um lugar que, teoricamente, segundo Wertheim (2001), poderia representar o Além, especificadamente, para ela, os “portais do Paraíso”, na medida em que, assim como o cristianismo, também está potencialmente aberto para todos:

Homem e mulher, Primeiro e Terceiro Mundos, norte e sul, Oriente e Ocidente. Assim como a Nova Jerusalém está aberta para todos os que seguem a senda de Cristo, assim também o ciberespaço está aberto para todos que podem arcar com o custo de um computador pessoal e de uma taxa mensal de acesso à



Internet. Cada vez mais bibliotecas e centros comunitários estão também fornecendo acesso gratuito (Wertheim, 2001, p.18).

Concordamos com a autora<sup>4</sup> quanto à aproximação do ciberespaço como um “Além tecnológico”, mas tomando as comunidades dos mortos do *Orkut*<sup>5</sup>, especificadamente a *Profiles de Gente Morta*<sup>6</sup>, PGM, investimos na perspectiva de que esse espaço aproxima-se mais à representação cristã de Purgatório.

Os estudos de Jacques Le Goff (1993) sobre o nascimento do Purgatório no ocidente medieval cristão nos fornecem inúmeras pistas para pensarmos tal aproximação, particularmente com essa comunidade virtual.

Le Goff (2006) afirma que até a invenção desse terceiro lugar do Além, a sistematização Juízo Final/Inferno/Paraíso representou inúmeros problemas ao cristianismo. A localização binária do Além em relação à terra foi instaurada de forma que o Inferno estava situado sob a terra e o Paraíso no céu, tanto que os termos céu e paraíso tornaram-se sinônimos. Segundo o historiador, as duas principais questões colocadas pelo Além eram: a data do julgamento, quando Deus enviava as almas dos mortos ao Paraíso ou ao Inferno, e a possibilidade de retardar o julgamento definitivo. Duas posições foram admitidas pela Igreja medieval. A primeira estabelecia que todos os mortos deveriam esperar o Juízo Final, no fim dos tempos, antes de conhecer seu destino no Além. A segunda acreditava que Deus acolhe no Paraíso, imediatamente depois da morte, os eleitos.

O Além cristão medieval apresenta, ainda de acordo com Jacques Le Goff, uma diferença na estrutura: Inferno e Paraíso não são justapostos sob a terra, mas localizam-se entre o alto e o baixo, simbolizando fundamentalmente o sistema espacial do cristianismo: o Céu é superior, representa o bem e, por isso encontra-se no alto; o Inferno é inferior, representa o mal e deve, portanto, ficar em baixo. O Paraíso foi concebido sob a forma urbana, tendo como modelo a Jerusalém Celestial, que estava reservada aos bons e também aos batizados (não que o batismo fosse o suficiente, mas necessário para a ascensão ao céu). Já o Inferno é caracterizado pelo fogo que

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar que Margaret Wertheim conclui em seu livro que a tentativa de transformar o ciberespaço em uma versão tecnológica do espaço cristão do céu é frustrada. O que nos interessa é o método de aproximação da representação do paraíso medieval com ciberespaço, que a autora utiliza. Ver em WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço: de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

<sup>5</sup> O Orkut é uma comunidade virtual criada em janeiro de 2004. Essa comunidade também pode ser chamada de rede social. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>.

<sup>6</sup> Segundo nossa pesquisa, no Brasil é a mais antiga comunidade que reúne perfis de pessoas mortas da rede *Orkut*. Foi criada em dezembro de 2004. Em agosto de 2006, quando iniciamos nossa pesquisa, a comunidade contava com 31.736 membros. Atualmente esse número ultrapassa 48 mil participantes. Disponível em: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=993780>.



constantemente queima os pecadores, emitindo fumaça e sinalizando o mundo das trevas, dos gritos apavorantes, da danação, da dor, além do forte fedor da putrefação dos corpos. “Quando se entrevê a paisagem, ela é horrível, composta de montanhas escarpadas, de vales profundos, de rios e lagos fétidos, cheia de metal em fusão, de répteis de monstros”, descreve o autor (2006, p.28).

Diante dessa concepção binária de Paraíso/Inferno, algumas “propostas” foram consideradas para se pensar sobre a possibilidade de “espera” em um outro lugar para os futuros eleitos. Nos primeiros séculos do cristianismo, imaginou-se o *refrigerium*, um lugar de repouso, localizado entre os espaços do Além, e ainda o “seio de Abraão”, que, para os cristãos, era uma espécie de “sala de espera”. Essas referências produziram uma iconografia variada na época, com elementos que expressavam diversas concepções “como a ausência de castigos, de penas, de suplícios para esses mortos privilegiados, privados, no entanto, da maior felicidade de que gozam no Paraíso os eleitos definitivos: a graça de ver Deus face a face” (LE GOFF, 2006, p.25). Tais referências foram, aos poucos, substituídas pela invenção do Purgatório.

Segundo Le Goff (1993), o nascimento do Purgatório deveu-se às transformações religiosas e sociais que modificaram a visão do mundo terreno e do Além. O autor explica que Santo Agostinho dividiu os homens em quatro categorias adjetivas: os “completamente bons”, que iriam diretamente ao Paraíso; os “completamente maus”, destinados ao Inferno, e os “não totalmente bons” e os “não totalmente maus”, dos quais não havia lugar a eles reservado. Diante de tal classificação, ainda no século VI, Gregório Magno, imaginou que a solução seria distinguir no Inferno uma parte de onde nunca se sairia e outra, uma espécie de reservatório de transição, onde depois de um tempo de suplícios e purgação, se pudesse ascender ao Paraíso. Com o passar do tempo, por volta da segunda metade do século XII, inventou-se um lugar independente para esses “eleitos *sob sursis*”. Esse lugar é o Purgatório, intermediário do Inferno e do Paraíso.

O Purgatório, de acordo com Le Goff, tem um sentido estabelecido: não se saía dele senão para ir ao Paraíso, não se podia retornar ao Inferno, mas tal ascensão dependia diretamente dos “sufrágios” (preces, esmolas, missas) que os vivos, parentes ou amigos, “pagavam” para abreviar o tempo de purgatório dessas almas. Dessa forma, esse espaço uniu o tempo dos vivos e dos mortos, na medida em que estabeleceu essa dependência: os mortos dependiam dos “favores” dos vivos para terem acesso à “vida eterna”.



Essa organização do espaço celestial na Idade Média inspirou o poeta florentino Dante Alighieri a compor sua *Comédia*, grande obra-prima da literatura ocidental medieval, que se tornou referência sobre a representação cristã da morte. Ao visitar os mortos no *Inferno*, no *Purgatório* e no *Paraíso*, Dante tornou-se um dos principais narradores da morte medieval<sup>7</sup>. Em seu livro/peregrinação, o poeta é o único vivo com acesso ao além mundo e, desta forma, é o único a carregar a memória dos mortos, para que nós, os vivos, sejamos informados e não esqueçamos “os que um dia já foram como nós”.

Le Goff (2006) explica que os relatos de “viagens ao Além”, eram comuns na Idade Média e, depois da Bíblia, representavam as principais informações sobre os lugares celestes. Tais relatos, cuja origem se encontra na literatura apocalíptica judaica e cristã, desenvolveram-se no Ocidente latino a partir do século VII e contribuíram para instaurar o imaginário do Além, que, segundo o historiador, não mudou muito na contemporaneidade.

A assimilação desse imaginário exprime a concepção fundamental do cristianismo, o qual define o itinerário da alma, refazendo o movimento de que “a vida é uma viagem” e que a morte é apenas uma passagem para “outro lugar”, talvez mais pleno ou mais tenebroso, segundo a crença ou não na “salvação”.

É nesse sentido que retomamos essa temática na contemporaneidade midiática, aproximando as novas representações dos lugares da morte aos espaços celestes medievais, mas aqui especificadamente, tratamos da comunidade *Profiles de Gente Morta*, *PGM*, da rede social *Orkut*, e sua relação com a representação medieval de Purgatório, proposta por Jacques Le Goff (1993).

### **Purgatório Contemporâneo**

A comunidade do *Orkut Profiles de Gente Morta* reúne participantes que agregam os perfis (*profiles*) de mortos (ou supostamente mortos) da rede, funcionando da seguinte forma: todo usuário precisa de um *login* e senha para criar e acessar seu *profile* e circular naquele espaço.

---

<sup>7</sup> Tratamos desse tema no artigo *Inferno, Purgatório ou Paraíso? Narrativas da morte na mídia digital*, apresentado no Grupo de Trabalho de Mídia Digital, no VI Congresso de História da Mídia, em maio de 2008. Ver em Anais do VI Congresso de História da Mídia: 200 anos de mídia no Brasil – Historiografia e Tendências, 13 a 16 de maio de 2008. [recurso eletrônico] - Rio de Janeiro: Rede Alcar, 2008.

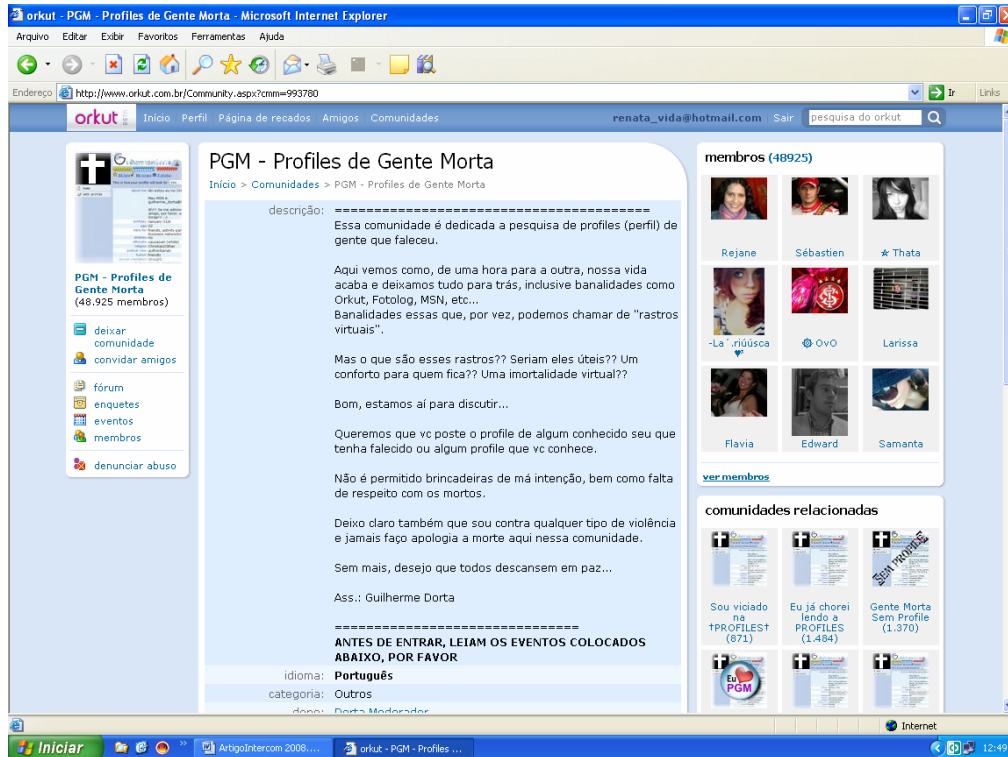


Figura 1. Página de abertura da comunidade virtual *Profíles de Gente Morta*

Em seu *profile*, o usuário disponibiliza perfil pessoal, profissional e outros interesses, além de fotos, vídeos, depoimentos, poesias, e o que mais desejar. Nessa espécie de “diário digital público”, o participante agrega amigos, familiares e outros conhecidos (ou desconhecidos), conforme sua vontade. Também participa de comunidades variadas, criadas por outros usuários, como comunidades de filmes, músicas, celebridades, etc. No entanto, como cada *profile* no *Orkut*, geralmente é individual, somente o próprio usuário possui o *login* e a senha de acesso à comunidade, assim, caso ele morra no espaço real, seu ‘corpo digital’ continua circulando no ciberespaço. Ou seja, mesmo mortas no “mundo real”, essas pessoas continuam recebendo recados, como que se virtualmente pudessem ouvir aos apelos publicados.

É nesse sentido que a comunidade torna-se um espaço de relação entre os vivos e os mortos. Uma espécie de “Além digital”, onde os vivos podem oferecer aos mortos os “sufrágios contemporâneos”: uma imagem, um texto, um vídeo, etc. Na descrição da comunidade, percebemos a orientação que norteia o espaço, pelo menos inicialmente, desses “mortos digitais”:



Essa comunidade é dedicada a pesquisa de perfis de gente que faleceu. Aqui vemos como, de uma hora para a outra, nossa vida acaba e deixamos tudo para trás, inclusive banalidades como o Orkut, Fotolog, MSN, etc...Banalidades essas que, por sua vez, podemos chamar de “rastros virtuais”. Mas o que são esses rastros? Seriam eles úteis? Um conforto para quem fica? Uma imortalidade virtual? Bom, estamos aí para discutir...Queremos que você poste o perfil de algum conhecido seu que tenha morrido ou algum perfil que você conhece. Não é permitido brincadeiras de má intenção, bem como falta de respeito com os mortos. Deixo claro também que sou contra qualquer tipo de violência e jamais faço apologia a morte aqui nessa comunidade. Sem mais, desejo que todos descansem em paz...<sup>8</sup>

O criador desse espaço (a comunidade), Guilherme Dorta, convoca os participantes da rede a reunirem *links* de acesso às páginas do perfil (*o profile*) de pessoas que já morreram, convidando assim esses mesmos membros ao encontro nesse “Além digital”, onde a tranquilidade do leito é substituída pela expiação quase que constante do morto. Isso porque no *Orkut* a página pessoal (*homepage*) do então falecido não é bloqueada, pelo menos imediatamente.<sup>9</sup>

Segundo Dorta<sup>10</sup>, cerca de cinco novos *profiles* de mortos são publicados diariamente. Acessando esses *links* é possível desvendar toda a história que está por trás da morte de cada pessoa. Algumas trágicas como suicídios, estupros e acidentes de carros. De mensagem em mensagem, ou como na linguagem do *Orkut*, de “*scrap* em *scrap*”, pode-se acompanhar a evolução de uma doença ou a história de jovens combinando uma viagem que terminou em um acidente.

Observamos nos *links* dos “mortos virtuais” que há diferentes tipos de mensagens, como orações, poemas, frases saudosistas e até recados que deixam

---

<sup>8</sup> Descrição do criador Guilherme Dorta para a comunidade. A descrição é uma espécie de convite para novos usuários. Fica abaixo do título da comunidade que é o nome como a mesma é conhecida, nesse caso, *Profiles de Gente Morta*. A descrição, algumas vezes, também é o espaço para orientações sobre o acesso, se há regras, quais são, etc. Disponível em: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=993780>. Acesso em 05 de agosto de 2006.

<sup>9</sup> Até o início de 2007, o Orkut mantinha os perfis inativos “circulando” na rede, ou seja, mesmo que os proprietários dos perfis morressem no espaço real, seu ‘corpo digital’ continuava circulando no ciberespaço. Atualmente, segundo nossa pesquisa, o sistema começou a eliminar alguns usuários inativos (principalmente páginas de suicidas) quando passaram mais de doze meses. Cientes de tal medida, as pessoas que costumam frequentar as páginas dos mortos começam a copiar o conteúdo (como fotos, vídeos, declarações, etc) e criar novas páginas em que possuam o *login* e a senha. Assim os “corpos mortos” continuam circulando na rede. Para algumas pessoas é uma forma de prestar homenagem aos mortos, para outros, de manter os vínculos na rede e há também aqueles que criam tais perfis apenas como “brincadeira”.

<sup>10</sup> Informação obtida na comunidade *Profiles de Gente Morta* no dia 21 de maio de 2006. Atualmente esse número é maior, variando de acordo com os dias da semana.

entender que o participante desconhecia a morte do amigo ou do parente e soube por meio da comunidade<sup>11</sup>.

Por meio das comunidades virtuais, a Internet parece propor novos espaços para se pensar a morte, desenvolvendo uma espécie de “Além tecnológico”. A morte celebrada nas comunidades virtuais da Internet publicizam, através de imagens fotográficas e textuais, a celebração do ‘corpo morto’, de famosos ou de anônimos, numa espécie de cortejo “eterno”.



Figura 2. Exemplo de perfil postado na comunidade *Profile de Gente Morta*: na página de recados de Daniel Duque, assassinado em frente à uma boate no Rio de Janeiro, em junho de 2008, os vivos deixam recados, apelos e orações.

<sup>11</sup> Além desses recados, há os chamados *spans*, mensagens, geralmente publicitárias, que determinada pessoa envia para toda lista de sua *homepage* e, os ‘corpos mortos’, como fazem parte dessa lista, acabam recebendo. Há ainda outras observações: a primeira delas está relacionada aos anúncios de morte, como as notas de falecimento, que na modernidade pertenciam aos meios impressos. No ambiente digital, esses anúncios ganham nova dimensão. Por meio das comunidades virtuais, as notas de falecimento, convocações para missas, enterros e velórios tornaram-se conclames funerários com um poder de circulação (ainda) de finitude desconhecida, possibilitando a participação ampliada dos usuários na cerimônia mortuária. Anunciar a morte, torná-la pública é uma prática nas comunidades virtuais que privilegiam essa temática. Ver mais em REZENDE, Renata. *Fragments de um corpo: as novas tecnologias da comunicação e a construção da morte contemporânea*. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom/Unisant/Unisantos/Unimonte, 29 de agosto a 02 de setembro de 2007 / organizado por Sueli Mara S. P. Ferreira. [recurso eletrônico]- São Paulo: Intercom, 2007.

Os lugares (simbólicos) construídos para os mortos ajudaram a constituir as práticas para a “reprodução social do morrer”; a morte se inscrevia no interior das redes de relações e de trocas, de estruturas de poder e de sistemas de significados. Sentidos esses que, hoje, percebemos configurados também no ambiente digital.

Temas como a presença dos mortos entre os vivos, o culto dos ancestrais, a referência da morte, estavam no centro do cristianismo. Para muitos historiadores medievalistas, a aproximação entre o espaço dos vivos e dos mortos constituiu uma das grandes transformações ocorridas durante a Idade Média. Segundo o modelo tradicional, os vivos deviam cuidar de seus defuntos, dos membros com quem mantinham laços familiares. Os herdeiros deviam “administrar a memória” daqueles de quem haviam recebido um nome e uma condição (bens ou terras), como forma de compensar a herança recebida. Desta forma, os cuidados com os mortos contribuíram para modelar uma vasta comunidade espiritual, hoje reconfigurada em formatos digitais.

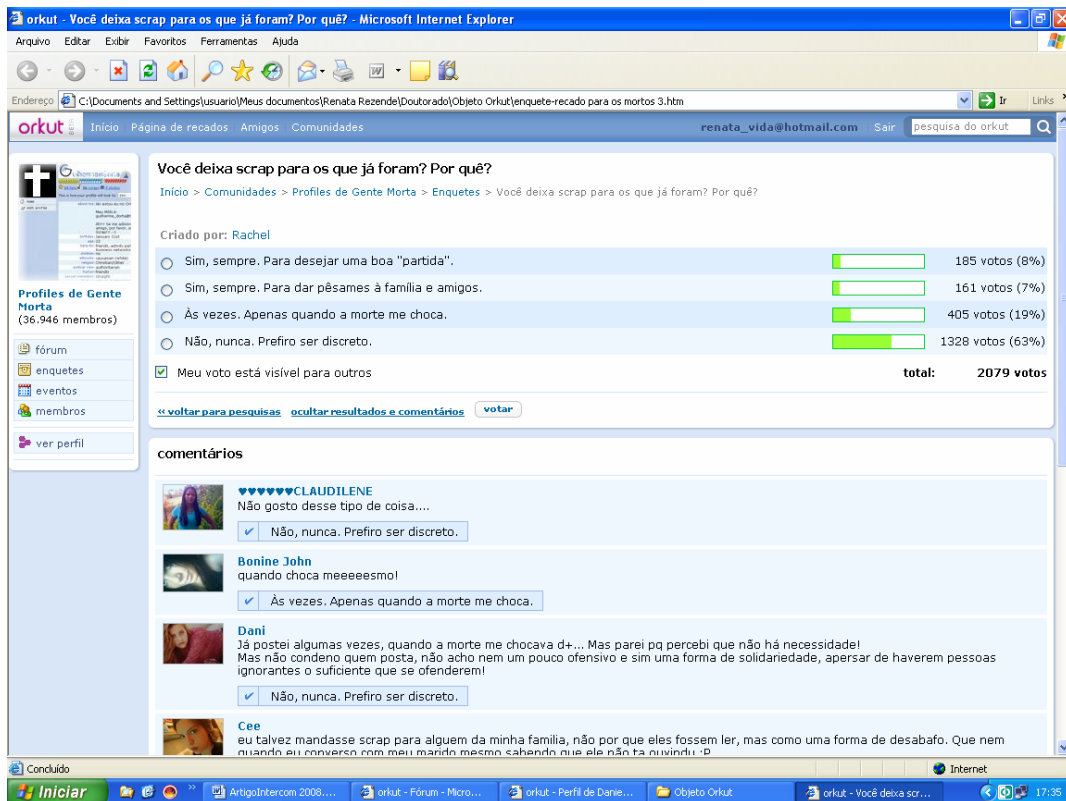


Figura 3. Exemplo de uma das inúmeras enquetes da comunidade sobre a relação dos vivos com os mortos.

É nesse sentido que, a nosso ver, a representação de Purgatório, instaurada pelo cristianismo medieval e difundida principalmente por meio da *Comédia* de Dante, nos fornece elementos para a compreensão do espaço proposto pela *Profile de Gente Morta*.

Na *Comédia*, o Purgatório é o cântico intermediário, onde se encontram os pecadores que têm chance de salvação, ou seja, os personagens estão, nesse espaço, ainda em uma situação fluída, mutável. Sterzi (2008) afirma que muitos estudiosos de Dante relacionam o Purgatório ao reino da historicidade, ou seja, do tempo como processo, como possibilidade de mudança. Como se a história dos indivíduos estivesse sempre aberta, a se constituir.

Na comunidade *PGM*, os mortos também se encontram nessa situação aberta, na medida em que necessitam dos “vivos” para continuar suas histórias por meio das “costuras” da memória. Isso acontece porque enquanto vivo na rede social (aqui no caso no *Orkut*), o participante constitui o seu perfil, o seu “corpo digital”, a sua autobiografia. Daí a necessidade de alguém continuar a escrever a história, acessando esse espaço a fim de mantê-lo existente, ainda que o mesmo seja transformado, na pós-morte, na medida em que a trama agora precisa ser narrada pelos outros.

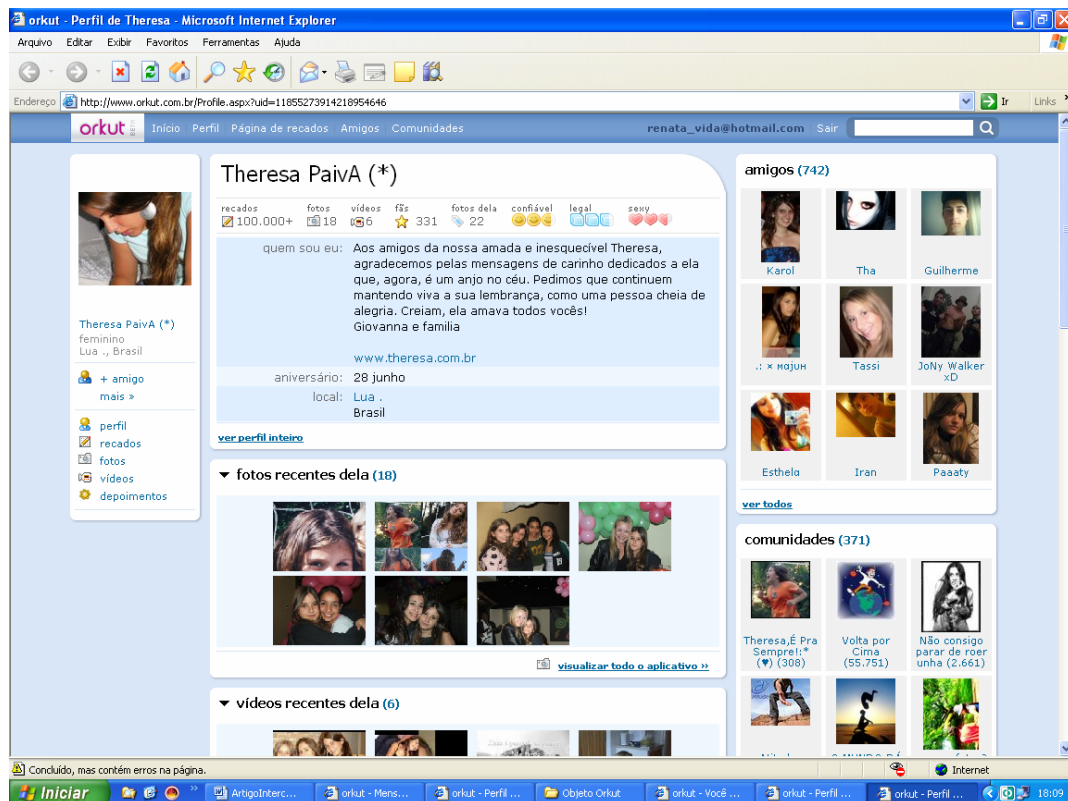


Figura 4. Exemplo de perfil em que parentes e amigos prestam homenagem pós-morte, na medida em que continuam “alimentando” o espaço com informações.

Jacques Le Goff destaca que outro fator decisivo de a historicidade no Purgatório ser maior do que no Inferno ou no Paraíso é que os “pecadores” que se encontram nesse espaço dependem diretamente das preces e dos sufrágios dos vivos para reavivar suas memórias. Notamos isso na representação contemporânea que propusemos pela figura 4 (acima).

Segundo Michel Lauwers (2006) em meados do século VIII, as práticas de comemoração informais foram de certa maneira “institucionalizadas”: formaram-se então as primeiras associações, reunindo bispos e abades, cujos membros comprometiam-se a, no momento da morte de um deles, celebrar a memória do defunto, com recitação de saltérios e convocação de missas especiais em intenção ao falecimento. As comunidades religiosas mais importantes trocavam entre si listas de nomes de seus membros, onde vivos e mortos estavam misturados.

Na contemporaneidade, esses procedimentos reaparecem embalados por novos suportes digitais, como os verificados na comunidade virtual *PGM*. Na figura 5 (abaixo), temos o exemplo de uma das inúmeras listas do fórum, onde os “corpos mortos” são inseridos (postados pelos vivos) e onde acontece a maior parte das discussões sobre a morte e os mortos.

tópico	autor	postagens	última postagem
<input type="checkbox"/> +Deloir Jr. Block Gomes + suicídio p/enforcamento	Dúhh	90	17:32
<input type="checkbox"/> [Arissou - ritual satânico]	Pastor Nerdson	36	17:32
<input type="checkbox"/> Davi Guedes - Aneurisma cerebral - 22 anos	Holívio	8	17:30
<input type="checkbox"/> MARY-ESTRANGULADA PELO NAMORADO	ツ ☆ JuLiAnE ☆ ツ	62	17:27
<input type="checkbox"/> †William Ratier-14 anos assassinado cruelmente†	Pastor Nerdson	40	17:26
<input type="checkbox"/> Murilo se enforcou	Valzinha	82	17:26
<input type="checkbox"/> ---[[[ CHAT PGM ]]]---	Guilherme	398538	17:25
<input type="checkbox"/> daniel duque	ililjão	407	17:24
<input type="checkbox"/> + dani + SUICIDIO	liz	92	17:23
<input type="checkbox"/> morte por furunculo!!Priscila Nogueira	Dani	66	17:23
<input type="checkbox"/> †THIAGO AUGUSTO OTTO†	Diego	23	17:06
<input type="checkbox"/> [OFF]Meningococemia	Felicia	14	16:23
<input type="checkbox"/> [OFF]Criança jogada de um prédio aqui em Curitiba	deives	917	16:05
<input type="checkbox"/> †Glena Cedraz †quatro tiros †	sem nome□□	18	15:30
<input type="checkbox"/> --> Leiam antes de postar: Padronização de Tópicos	Guilherme	1064	15:05
<input type="checkbox"/> + Pamela Morgana Moraes +	Paulo Geovane	12	15:00

Figura 5. Exemplo de fórum de discussão da comunidade *PGM*.

Para Le Goff (1993), o Purgatório é mais que um lugar, é um tempo, em alguma medida um “inferno temporário”, um tempo inserido no processo de reestruturação da sociedade, na passagem do século XII ao XIII e que buscava superar o hiato entre o tempo escatológico e o tempo terrestre, ou seja, entre uma ideologia do tempo cristão e a experiência cotidiana de uma multiplicidade de formas temporais (na época o tempo do trabalho rural, o desenvolvimento do comércio, das mercadorias, ao tempo regulado pela Igreja).

Para Sterzi (2008), o Purgatório dantesco também incorpora a inquietação da passagem do tempo. Segundo o escritor, todo o cântico é perpassado por notações temporais. A viagem de Dante e Virgílio no Purgatório dura quatro dias, durante a Páscoa, e explora o tempo de ressurreição, de vitória sobre a morte, de promessa de salvação. O Purgatório é um reino no tempo, afirma Le Goff (1993), e a temporalidade na *Comédia* é sinfônica, complexa, plural, constituída pela hibridização do tempo da viagem de Dante ao tempo oscilante das almas do Purgatório, divididas entre o espaço celeste e o espaço terreno, sem pertencer mais a uma ou a outra. “Tempo acelerado e tempo retardado, tempo em vai-e-vem da memória dos vivos à inquietude dos mortos, tempo ainda agarrado à história e já visado pela escatologia” (LE GOFF, 1993, p.199).

Nesse sentido, como não direcioná-lo à contemporaneidade?

Weinrich (2001) nos lembra que na *Comédia* há o paralelo entre os rios Lete e Eunoe. Segundo Weinrich, o Lete é o rio do esquecimento, que tem a capacidade de retirar dos mortos, depois de sua passagem para o reino da morte, a lembrança da vida terrena: as “águas tiram as lembranças de nossos pecados”. Já o Eunoe é o rio da memória, que significa “boa disposição” ou “boa memória”. É o rio gêmeo que nas almas bem-aventuradas têm o poder de agir como antídoto do esquecimento do Lete e fortalecer as lembranças das boas ações que realizaram em vida para poder entrar no céu com boa memória.

A *Comédia* é, dessa forma, esse jogo com a memória e com o esquecimento. Dante é esse homem da memória que luta em seu espaço (sua narrativa) contra o esquecimento. O Purgatório pode ser visto, assim, como uma espécie de expansão entre esses dois estágios, expansão temporária quando o destino dos mortos ainda está no “meio do caminho”.

Em comunidades virtuais de mortos, como a *PGM*, também é possível notar a expansão desse binômio: se por um lado, as novas tecnologias da comunicação e da



informação nos fornecem um suporte de dimensões ainda desconhecidas para o acúmulo da memória, por outro parecemos cada vez mais necessitados de esquecimento, afinal como afirma Weinrich (2001), a vida continua.

Em certa medida, parecemos submersos sempre nesse meio: meio-lugar, meio-corpo, meio-alma. Vamos ascender ao Paraíso ou cair no Inferno?

### **Referências bibliográficas**

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno, Purgatório e Paraíso*. São Paulo: Editora 34, 1998.

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*; tradução: Priscila Viana de Siqueira – Rio de Janeiro, Ediouro, 2003.

LAUWERS, Michel. *Morte e Mortos*. In LE GOFF & SCHMITT, Dicionário Temático do Ocidente Medieval. São Paulo: Edusc, 2006.

LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Tradução portuguesa. Lisboa: Estampa, 1993.

\_\_\_\_\_, Jacques. *A civilização do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005.

\_\_\_\_\_, Jacques. *História e Memória*. 5.ed. Campinas, Editora da Unicamp, 2003.

LE GOFF & SCHMITT, Dicionário Temático do Ocidente Medieval. São Paulo: Edusc, 2006.

ORKUT. *Comunidade Virtual* [on line]. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>. [Capturado em 02 de junho de 2006].

PROFILES DE GENTE MORTA. *Comunidade Virtual* [on line]. Disponível em: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=993780> [capturado em 05 de agosto de 2006]

REZENDE, Renata. *Fragmentos de um corpo: as novas tecnologias da comunicação e a construção da morte contemporânea*. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom/Unisantá/Unisantos/Unimonte, 29 de agosto a 02 de setembro de 2007 / organizado por Sueli Mara S. P. Ferreira. [recurso eletrônico]- São Paulo: Intercom, 2007.

\_\_\_\_\_, Renata. *Inferno, Purgatório ou Paraíso?* Narrativas da morte na mídia digital. Anais do VI Congresso de História da Mídia: 200 anos de mídia no Brasil – Historiografia e Tendências, 13 a 16 de maio de 2008. [recurso eletrônico] - Rio de Janeiro: Rede Alcar, 2008.

RICOEUR, Paul. *La memória, la historia, el olvido*. Editorial Trotta, Madri, 2003.

STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Globo, 2008.

VOVELLE, M. (org.). *Mourir autrefois*. Attitudes collectives devant la mort. Paris: Gallimard, 1974.



WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço: de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.